

Filol. linguíst. port., n. 14(2), p.247-263, 2012.

A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de língua portuguesa

Maria Inês Batista Campos¹

Resumo: Neste artigo, o objetivo é analisar propostas de um livro didático de Português para o ensino médio, tendo a leitura de textos verbo-visuais como eixo central. Apoiado nos conceitos de “texto” e “arquitetônica”, advindos da teoria de Bakhtin e o Círculo, e considerando que os estudos da linguagem buscam compreender a produção de sentidos na dimensão histórica, social e cultural, discute-se o encaminhamento dado para a produção escrita do texto publicitário. Os procedimentos teórico-metodológicos adotados nas sequências didáticas permitem ao estudante do ensino médio articular a leitura de diferentes textos, verbais e verbo-visuais, no intuito de assumir um posicionamento ético diante da realidade.

Palavra-chave: Bakhtin e o Círculo; Arquitetônica; Texto verbo-visual; Livro didático.

Com demasiada frequência a forma é compreendida apenas como “técnica”: isto é característico tanto do formalismo, como do psicologismo na teoria literária. [...] Como a forma composicional – a organização do material – realiza uma forma arquitetônica – a unificação e a organização dos valores cognitivos e éticos?

M. BAKHTIN

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A

As pesquisas científicas que contemplam um estudo aprofundado da leitura de textos verbo-visuais no ensino de língua portuguesa não são muitas, uma vez que a longa tradição das “aulas de redação” prioriza o estudo do texto verbal, em especial, dos

¹ Universidade de São Paulo. E-mail: maricamp@usp.br

literários. Vale, no entanto, destacar alguns trabalhos² desenvolvidos, desde 1999, pela professora Belmiro do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE/UFMG) e a dissertação defendida por Gribl em 2009, *Atividades de leitura de textos em gêneros multi- e intersemióticos em livros didáticos de língua portuguesa*.

Neste artigo, situado no interior de um projeto de pesquisa em andamento³ que focaliza as diferentes linguagens e gêneros do discurso transpostos para os materiais didáticos de língua portuguesa, o objetivo é analisar atividades em torno da leitura de textos verbo-visuais em um livro de Língua Portuguesa para o ensino médio, especificamente, o capítulo que aborda o texto publicitário. Ao se discutir a presença de textos visuais e verbo-visuais nas propostas de leitura e produção, algumas perguntas são recorrentes: como ensinar a ler e produzir tiras, charges, propagandas, por exemplo, considerando a imagem e o texto verbal como uma unidade de sentido e não mera ilustração para explicar o conteúdo transmitido? De que maneira as atividades didáticas levam o aluno a reconstruir os sentidos presentes na relação verbo-visual do texto?

Para discutir as questões levantadas, selecionamos a coleção *Português: língua e cultura*, destinada ao ensino médio, obra do professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Carlos Alberto Faraco, pesquisador de longa tradição bakhtiniana. Tal escolha deve-se a três critérios: a) aprovação no Programa Nacional do Livro Didático de Língua Portuguesa para o Ensino Médio (Brasil, 2011) entre outras dez coleções; b) abordagem sociointeracional e c) apresentação de uma atividade de leitura a partir do texto verbo-visual. A qualidade da perspectiva teórica dessa coleção está enfatizada na resenha apresentada no *Guia de livros didáticos de língua portuguesa /2012*, documento oficial do MEC:

Esta é uma coleção [...] que aborda a língua e a linguagem numa perspectiva sociointeracionista. O texto ocupa um lugar central, seja como objeto de leitura e/ou produção escrita, seja como manifestação con-

² A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. In: Revista Educação e Sociedade, Campinas, n. 72, p. 11-31, 2000; Uma educação estética nos livros didáticos de Português. In: ROJO, R.; BATISTA, A.A. G.B. (Org.). Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 299-320; Texto literário e imagens, nas mediações escolares. In: PAULINO G. & COSSON, R. (Org.). Leitura literária: a mediação escolar. Belo Horizonte: (UFMG, 2004: 147-154).

³ Projeto de pesquisa “Linguagens e identidades em materiais didáticos de língua portuguesa (2008-2013)”.

creta de um gênero associado à determinada esfera discursiva. (Brasil, 2011: 77).

Quanto à escolha teórico-metodológica, Faraco explica no Manual do Professor os principais conceitos que embasam as atividades didáticas, nas sessenta e quatro páginas, localizadas no início do livro. O primeiro deles é o de *linguagem*, reforçando os estreitos laços com a teoria bakhtiniana: “um conjunto aberto e múltiplo de práticas sociointeracionais, orais e escritas, desenvolvidas por sujeitos historicamente situados. Pensar a linguagem desse modo é perceber que ela não existe em si, mas só existe efetivamente no contexto das relações sociais”. (Faraco, 2010: 5) Na mesma direção, esclarece que o conceito de *leitura* “pressupõe uma compreensão responsiva, o que implica reagir ao texto, dar-lhe uma resposta, concordando com ele, ou dele discordando; rindo dele, emocionando-se com ele, aplaudindo-o, refutando-o, assimilando-o, fazendo-lhe a paródia, e assim por diante”. (Faraco, 2010: 6). Acrescente-se também um dos conceitos-chave dessa obra: o de *texto* entendido como enunciado concreto que circula socialmente, de modo que o aluno não o leia como um objeto isolado, simples instrumento de aprendizagem, mas como fonte de estudo oriundo de diferentes esferas sociais. O autor recupera os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento, de modo responsável e comprometido, com explícitas relações entre língua, leitura e texto, não só como forma de transmissão didática, mas principalmente posicionamento ético diante da realidade.

Para analisar as atividades didáticas do capítulo “Texto publicitário”, recuperamos, de maneira sintética, dois conceitos bakhtinianos que possibilitam a compreensão da dimensão verbo-visual: “texto” e “arquitetônica”. Nesse recorte teórico-metodológico, podemos surpreender a orientação de ensino-aprendizagem adotada pelo autor a fim de levar o aluno a articular os textos verbo-visuais como um todo de sentido, não tratando a imagem somente como um anexo, ilustração, apêndice ou um elemento posto de fora. Sem estabelecer essa relação, a tendência recorrente das propostas didáticas é a de isolar o texto verbal em detrimento do visual, então os textos verbo-visuais como charge, diagramas, fotografia, pintura, escultura tornam-se, muitas vezes, ilustrações com o simples objetivo de facilitar a leitura do aluno diante do texto verbal.

1. “TEXTO” E “ARQUITETÔNICA” NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

No conjunto das obras de Bakhtin e o Círculo, a concepção enunciativa de “texto” e a de “enunciado” remete à mesma noção discutida em vários ensaios. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), “texto” é tratado como enunciado, como um acontecimento social, uma interação verbal entre interlocutores; Voloshinov retoma a noção no artigo “A construção do enunciado” (1930), afirmando que “a unidade real da linguagem é o enunciado” (Silvestri; Blank, 1993: 247). O estudo em torno do enunciado se aprofunda em “Os gêneros do discurso” (1952-1953), na longa seção intitulada “O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações)” (Bakhtin, 2003: 270). Para Bakhtin, a importante dimensão do diálogo no texto está tratada em “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas, uma experiência de análise filosófica (1959-1961)”, explicando que “O enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro” (2003: 313).

Nos vários artigos, a noção de “texto” pressupõe a compreensão do funcionamento da comunicação discursiva a partir de uma cadeia em que cada elo tem fronteiras materiais definidas, o texto constitui sentido tão-somente na interação com outros textos precedentes e subsequentes. Nesse modo de entender discursivo, o enunciado concreto é a unidade da comunicação real que se manifesta como uma tomada de posição, sendo uma resposta ao já-dito e, portanto, que comporta sempre um valor apreciativo, mantendo um movimento ininterrupto no todo do discurso⁴. Bakhtin considera que o texto não se limita exclusivamente a uma análise linguística dos fenômenos puramente da língua, mas trata da relação com os horizontes sociais em que ele se inscreve:

[...] Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses con-

⁴ Sobre o conceito de texto verbo-visual, conferir o artigo *Tramas verbo-visuais da linguagem* (Brait: 2010: 194-195).

textos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante. Não há enunciados neutros” (Bakhtin: 1998: 46).

Tal abordagem teórica permite compreender a materialidade linguística e discursiva num movimento dialógico com a situação concreta. Voltando ao conceito de texto, encontramos a clara exposição de Bakhtin elaborada na década de 1960:

Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos. Nisto reside a diferença essencial entre as nossas disciplinas (humanas) e naturais (sobre a natureza) [...] (2003: 307)

Nessa compreensão, a preocupação com as múltiplas materialidades mobilizadas na produção de sentidos é central, uma vez que reconhece a interação entre os discursos convocados pelos diferentes materiais que compõem o texto. “Pensamentos sobre pensamentos”, “palavras sobre palavras”, “textos sobre textos” traduzem uma tensão comprometida no ato de produzir um texto. Esse não compõe uma unidade estanque, mas é entendido como um elo na comunicação discursiva, pois é orientado pelos elementos que o antecedem e relacionado com os outros que convoca de maneira tensa e constante.

Essa postura teórica de Bakhtin possibilita a compreensão da noção de “arquitetônica” que assume um papel significativo para os estudos da leitura de textos verbo-visuais. A título de hipótese, a noção de arquitetônica permite pensar mais à frente as propostas de leitura de textos verbo-visuais em livros didáticos, uma vez que traz um possível caminho teórico-metodológico: na primeira etapa da sequência analítica, identificam-se as partes que compõem o objeto, na segunda, analisam-se como as partes se articulam construindo sentidos e, por fim, as relações dialógicas construídas desse movimento é a repercussão histórica, social e cultural do objeto no seu tempo e espaço.

A reflexão filosófica sobre a arquitetônica foi elaborada por Bakhtin na década de 1920. Os primeiros ensaios escritos, segundo Vauthier, formam um tríptico, pela maneira como as ideias foram retomadas e aprofundadas, embora

essa sequência cronológica não tenha sido publicada pelo filósofo russo (2003: 234). O primeiro texto, “Para uma filosofia do ato responsável” (1919)⁵, ficou inacabado (faltam-lhe título e as primeiras oito páginas), foi intitulado por Sergei Bocharov. Um importante conceito-chave do texto é o ato responsável, orientação filosófica que não permite que se trate o objeto do conhecimento de modo isolado, mas supõe uma compreensão responsiva que exige alguém que fala e um outro que responde ativamente.

Enquanto o mundo autônomo teórico, abstrato, alheio por princípio à historicidade viva singular, permanece fechado em suas próprias fronteiras, a autonomia é justificada e inviolável. [...] O mundo como objeto de conhecimento teórico procura se fazer passar como o mundo como tal, isto é, não só como unidade abstrata, mas também como concretamente único em sua possível totalidade. (Bakhtin, 2010: 50).

O segundo texto, O autor e a personagem na atividade estética (1920-1923), está traduzido em português na coletânea *Estética da criação verbal* (2003), embora parcialmente, pois lhe faltam cerca de vinte páginas no que parece ser a introdução do primeiro capítulo. Esse trecho, omitido da coletânea russa (e da brasileira), só foi publicado quase vinte anos mais tarde na Rússia, em 1986. Esse fragmento apareceu numa “Supplementary Section” na edição americana *Art and Answerability* (1990). Essas 20 páginas também saíram sob o título Autor y héroe en la actividad estética, na edição espanhola *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos* (1997).

Ao iniciar a leitura do primeiro capítulo da edição brasileira de “O autor e a personagem”, logo no segundo parágrafo somos surpreendidos com a expressão “Já afirmamos bastante que cada elemento de uma obra nos é dado na resposta que o autor lhe dá” (Bakhtin, 2003: 3). O leitor relê o advérbio “bastante” e não entende a que se refere, porque o texto acabou de começar. Tal menção refere-se a uma parte anterior que não está presente nessa edição. Na verdade, é preciso retomar o início do texto publicado na versão em inglês e espanhol para encontrar as várias páginas que trazem uma detalhada análise do poema de Aleksandr Púchkin, *Razluka* [A separação]. Esse fragmento,

⁵ Em 2010, ensaio traduzido para o português aos cuidados de V. Miotello e Carlos Alberto Faraco.

por sua vez, sinaliza que faz parte do mesmo projeto de investigação iniciado anteriormente em *A filosofia do ato responsável*.

O terceiro ensaio do tríptico “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária (1924)” discute a questão entre forma composicional e forma arquitetônica, abordando como a forma arquitetônica se relaciona com o conteúdo. Bakhtin insiste em estabelecer a diferença entre *forma composicional* do gênero e *formas arquitetônicas*, atribuindo à primeira o caráter de estabilidade, “teleológico”, “utilitário”, – embora “inquieta” – disponível para realizar “a tarefa arquitetônica”. Já, as *formas arquitetônicas*

[...] são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica, etc.; todas elas são aquisições, realizações, não servem a nada, mas se auto-satisfazem tranquilamente; são as formas da existência estética na sua singularidade. [...] A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional (1998: 25).

Essa distinção entre forma composicional e arquitetônica parte da ideia de que esse último conceito nasce de um pensamento que tem o ser humano como centro de valor, porque há um homem que fala, que se interroga e que procura estabelecer relações interativas, formulando perguntas e respostas diante dos acontecimentos da vida. Ao propor esse conceito, Bakhtin explica a necessidade de se fazer uma descrição da arquitetônica valorativa do viver o mundo, não com uma fundamentação analítica à frente, mas com um centro verdadeiramente concreto, espacial e temporal, do qual surgem valores, afirmações, ações reais, e onde os membros são pessoas reais, vinculadas entre si por meio de relações de um acontecimento concreto. Aqui é conceito de ética bakhtiniano. O conceito de arquitetônica, assim, torna-se uma alternativa para pensar o mundo dos sentidos, da diversidade, da cultura, sem precisar eliminar as análises formais, mas entendendo o movimento das relações dialógicas. Daí a explicação sobre a unidade arquitetônica:

A unidade do mundo da visão estética não é uma unidade de sentido, não é uma unidade sistemática, mas uma unidade concretamente arquitetônica, que se dispõe ao redor de um centro concreto de valores que

é pensado, visto, amado. É um ser humano este centro, e tudo neste mundo adquire significado, sentido e valor somente enquanto tornado desse modo um mundo humano (Bakhtin, 2010: 124)

A partir dessa elaboração teórica, pode-se entender que descrever a arquitetônica de um texto não é apresentar um esquema abstrato, mecânico, mas recuperar um plano concreto do enunciado singular: “a arquitetônica destina-se a descrever uma *atividade*: as relações que ela organiza estão sempre em estado de tensão dinâmica” (Holquist; Liapunov, 1990: XXIII). A proposta teórico-metodológica é recuperar os momentos centrais do eu, do outro e do eu-para-o-outro, princípio que concretiza essa contraposição entre “eu” e o “outro”.

Bakhtin busca compreender a noção de arquitetônica partindo do poema de Púchkin, uma vez que a arte está mais próxima do ato do que da teoria abstrata. Nos dois primeiros versos, o termo “terra estrangeira” é o ponto de vista de uma das personagens: a Rússia é a terra natal do herói e a terra estrangeira, da amada. Para ele, a Itália é a terra distante, e para ela (Amália Riznich) é a Rússia, país de onde partiu. Como consequência, há dois centros de valores, dois pontos de vista em tensão: o do herói e o da heroína. No todo do poema, Bakhtin explora essa inter-relação da entonação e dos centros de valores, procurando associar cada acontecimento humano à participação dos heróis. O sentido de separação entre as personagens se constrói na fronteira entre a reação da dor do herói, a dor propriamente dita e a reação do autor frente a essa dor, que ele a recria.

Voltamos então a pensar o texto não como um objeto em si a ser dissecado, mas como um acontecimento, um centro de valores que cria tensões entre, no mínimo, dois pontos de vista. No texto verbo-visual, por exemplo, a imagem se constrói nas relações dialógicas, tecendo valores e estabelecendo tensão entre o leitor, o conteúdo e a forma. Na proposta bakhtiniana, não é possível fragmentar o texto da esfera de circulação, de produção e de recepção, uma vez que esse conjunto é parte constitutiva do todo. O texto é, portanto, entendido como um acontecimento da ordem do humano, que nele interfere exatamente por ocupar um lugar posicionado no espaço e no tempo, assumindo a responsabilidade da assinatura.

A seguir, à luz dessa perspectiva teórica, encaminharemos uma análise de livro didático em que a leitura do texto verbo-visual foi explorada, de

maneira sistemática somente em um capítulo dos três volumes, mas em todas as aberturas de capítulo uma pintura, escultura ou objeto artístico foi usado como forma de interagir com o aluno. Essa leitura não tinha exercícios a serem feitos, mas era o momento inicial de usufruir do texto como expressão estética. Vamos nos deter na análise de um capítulo para entender como esta articulação da leitura e produção verbo-visual se faz de forma arquitetônica.

2. O TEXTO VERBO-VISUAL EM PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA

Apresentamos os resultados da análise da atividade de leitura proposta no capítulo 5 “Texto publicitário”, da 3ª série do ensino médio da coleção *Português: língua e cultura*. Observamos a composição geral do capítulo, a seleção do material textual e as atividades de interpretação dirigidas ao aluno. Esse é o núcleo central da proposta, uma vez que o autor parte da singularidade de cada texto, explorando os recursos linguísticos, textuais e discursivos. De maneira comparativa, estabelece relações entre os textos, desenvolvendo uma compreensão responsiva no aluno e, conseqüentemente, levando-o a assumir posições críticas e valorativas.

O capítulo está organizado em três seções: “As linguagens da publicidade”, “Prática de escrita” e “Pausa poética”. A articulação entre elas orienta-se para a leitura dos vários textos com foco na compreensão geral do sentido e interpretação de modo que o aluno assuma uma atitude crítica frente às questões polêmicas em torno da publicidade. A seleção do material textual apresenta uma diversidade de gêneros (propaganda, reportagem, artigo de opinião e poesia) que discutem a questão sob diversos matizes.

Observa-se na abertura do capítulo um detalhe da tela a óleo *Standard Station, Amarillo* (1963), do americano Edward Ruscha (Fig.1). A proposta da leitura é recuperar uma situação da vida cotidiana (posto de gasolina da *Standard*) para recriá-la esteticamente. Faraco propõe que essa leitura seja pura fruição, como se fosse um convite para o aluno explorar a obra de arte. O texto didático começa com a discussão de *merchandising*, os mecanismos publicitários e seus objetivos, numa linguagem clara e direta. Essa maneira de problematizar o conteúdo, por meio da arte e do diálogo, antes de ler os textos, leva o

aluno a considerar o contexto de produção/ circulação/ recepção do tema em foco. A tela de Ruscha ganha novos contornos pela retomada de imagens americanas tão populares advindas da indústria do consumo como o posto e a logomarca *Standard*. O artista da *Pop Art* relaciona os anúncios deslocados de seus contextos e os transporta para a obra de arte com nova ressignificação. Faraco discute os mecanismos da publicidade, oferecendo o texto de Ruscha como uma possibilidade do professor discutir com seu aluno as fronteiras entre a produção do anúncio como mercadoria e como arte. A leitura dos textos, então, entra no livro didático como fonte de informação social, propiciando uma reflexão do seu significado social e cultural ao invés de somente explorar seus aspectos linguísticos.



Fig. 1: Abertura do capítulo 5: tela de Edward Ruscha, Standard Station, Amarillo, Texas. Óleo sobre tela, 49,7 x 95 cm. Coleção Heinz Beck, Düsseldorf. Detalhe. (Faraco, 2010: 78)

Na primeira seção, “As linguagens da publicidade”, o autor tece considerações em três parágrafos em torno do texto publicitário: aspectos visual, musical e verbal e explora o duplo sentido na comparação com slogans de campanhas publicitárias. Encaminha, a seguir, cinco atividades com foco na reflexão em torno da circulação da publicidade em diferentes mídias (jornal, revista, televisão). A primeira atividade é uma pesquisa de textos publicitários em jornais ou revistas e de análise da composição verbo-visual para explorar o duplo sentido. Parte, então, para a leitura de uma propaganda da revista IstoÉ, de março de 2003, destacando os aspectos de quem produz o texto, para quem e com que objetivo. A organização da terceira atividade explora a leitura do texto publicitário.

3. Analise, agora, a publicidade a seguir. Seu objetivo era conquistar leitores para uma determinada revista semanal.
- a) Observe que ela sustenta no contraste entre duas imagens sociais do jornalismo. Quais são essas imagens?
- b) Como se articulam figura e texto nesta publicidade?
- c) Que sentido tem, no contexto desta publicidade, o enunciado: “Porque beleza o Brasil já tem de sobra. O que falta mesmo é transparência?” (Faraco, 2010: 80)

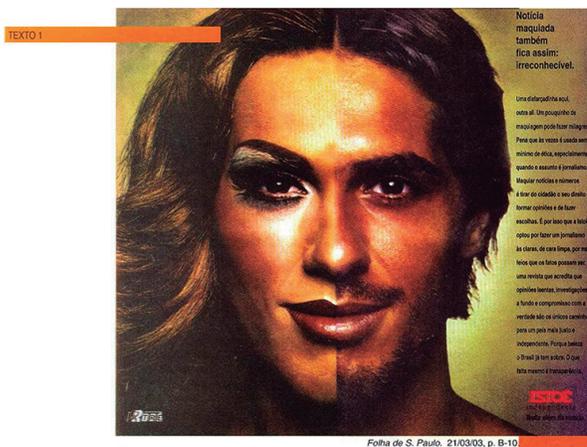


Fig. 2: Texto publicitário selecionado para a atividade. (Faraco, 2010: 81)

No encaminhamento proposto, o objetivo é levar o aluno a compreender a relação entre forma e conteúdo presente no anúncio. Inicialmente, solicita a identificação das imagens, depois a articulação da figura e o texto; finalmente explora o sentido do enunciado verbal: “Porque beleza o Brasil já tem de sobra. O que falta mesmo é transparência”. Pensando especificamente na articulação entre o verbal e o visual, notamos que a imagem é considerada constitutiva do enunciado, a exploração didática contempla as relações ativas entre o verbal e o visual, contribuindo para que o aluno construa o sentido do texto, marcado pelo posicionamento ético e estético. As atividades, passo a passo, recuperam a esfera de circulação (*Folha de S. Paulo*) e de produção (*revista IstoÉ*), enfrentando temas que exigem o posicionamento do leitor.

Nas questões 4 e 5, o autor traz o debate em torno de propagandas institucionais e o tema volta a ser discutido partindo da leitura de duas reportagens sobre o papel do CONAR, “90% das propagandas de remédio têm

falha” e “Irregularidades levam Anvisa a propor mudanças na legislação” (*Folha de S.Paulo*, 17/09/2003):

4. As administrações públicas no Brasil (municipais, estaduais e federal) costumam fazer propaganda de suas ações, buscando “vender” aos cidadãos a imagem de excelência do governo. Para isso, são utilizadas vultuosas [sic]⁶ verbas do orçamento público.

Nesta chamada propaganda institucional, confunde-se muitas vezes o princípio republicano de que todo o [sic]⁷ governante deve prestar contas de suas atividades à população e a mera autopromoção do governante (já de olho nas próximas eleições). Num artigo sobre este tema num jornal de São Paulo, o jornalista ressaltava dois pontos:

- a) que há, nesse aspecto, uma grande diferença entre, de um lado, países europeus e os Estados Unidos e, de outro, o Brasil: lá o governo se comunica com os cidadãos diretamente por meio da mídia e não da propaganda institucional;
- b) que um governo pode obter uma avaliação positiva por vários caminhos. O menos consistente tem sido o da autopromoção e do uso abusivo das ferramentas de publicidade.

Eis aí um bom tema para debate: como devem proceder as autoridades públicas para prestar contas de suas ações? Tomar o caminho da propaganda institucional ou favorecer o livre acesso da mídia às informações de interesse social?

5. Apesar de legislação e do chamado Código de Auto-regulamentação Publicitária – que deveria ser uma espécie de código de ética da publicidade (elaborado pelo CONAR – Conselho de Auto-regulamentação Publicitária, organização não-governamental que fiscaliza a propaganda e recebe queixas contra anúncios enganosos, ofensivos ou abusivos), temos de ficar atentos porque, como mostra a reportagem abaixo, existem peças publicitárias enganosas.

⁶ Do ponto de vista do significado, o termo deveria ser “vultosas”. “Vultuoso”, segundo o dicionário eletrônico Aurélio, refere-se a condição ou estado do rosto quando as faces e os lábios estão vermelhos e inchados, e os olhos salientes, qualidade que caracteriza o que é vultuoso.

⁷ Uso indevido do artigo definido masculino, porque particulariza o indivíduo.

Leia o texto e, depois, responda coletivamente as questões. (Faraco, 2010: 81)

Essas atividades levam o aluno a refletir sobre a função social do texto publicitário, relacionando as várias informações que circulam em outros textos. Considerando que as informações podem ampliar e aprofundar o assunto, levando o aluno a formar sua própria opinião, o autor propõe um terceiro texto, “Polêmico pra caraca”, de Fábio Santos (artigo de opinião da revista mensal *Primeira leitura*, maio de 2003). O articulista discute pontos polêmicos sobre a publicidade de cerveja e todos os componentes visuais e musicais que induzem ao consumo de bebida alcoólica.

Na seção “Prática de escrita”, o autor sugere que o aluno produza um texto de opinião (editorial jornalístico) em torno de um dos temas discutidos no capítulo. Com indicações pouco precisas quanto à elaboração de construção textual, as orientações são: “o texto pode ter apenas dois parágrafos: no primeiro você apresenta o problema; no segundo, você emite sua opinião e a sustenta com argumentos” (Faraco, 2010: 87). Essa é a seção que destoa do conjunto da sequência didática, uma vez que a produção escrita não está vinculada ao texto publicitário, mas as questões éticas que circulam na esfera publicitária. Dessa forma, fica uma questão a ser resolvida: por que não propor uma atividade de produção de texto publicitário?

É notável que a proposta final do capítulo, intitulada “Pausa poética”, desencadeia uma reflexão sobre a transformação do eu poético pela publicidade. Faraco oferece a leitura do poema “Eu, etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade, sem nenhuma atividade. Pura fruição. Fica claro que é uma contribuição prazerosa, momento em que o aluno pode recuperar todas as etapas, refletir e se posicionar, assumir uma réplica ativa. Parece ser o ponto nodal da teoria bakhtiniana e do conceito de arquitetônica: os textos são tratados numa cadeia dialógica e só constroem sentido quando o interlocutor (o aluno) participa da produção sociocultural dessa prática de leitura, o texto publicitário.

3. REATANDO AS PONTAS: DA PRÁTICA À TEORIA

Ao explorar as várias etapas de leitura - pesquisar, descrever, analisar e discutir, o autor traça um percurso metodológico para que o aluno possa

tirar suas conclusões, assumir pontos de vista. Enfim, envolve o leitor dentro de uma prática efetiva de leitura de diferentes textos verbais e verbo-visuais, favorecendo a construção de sentido do texto verbo-visual com textos que circulam em outras esferas sociais e não peças artificiais feitas especialmente para o livro didático. De fato, parece mesmo um contrassenso imaginar anúncios produzidos especialmente para ensinar português, como aparece em alguns manuais didáticos de língua materna.

O capítulo “Texto publicitário”, no conjunto da obra *Português: língua e cultura*, favorece a formação do leitor, uma vez que o aluno é chamado a estabelecer relações com diversas manifestações de linguagem – verbal, visual e verbo-visual, mas o mesmo não ocorre com a produção escrita de texto publicitário. As sequências didáticas são verdadeiras conversas, como se o autor estivesse diante do aluno, disposto a escutá-lo, considerando que é alguém com algo a dizer para um interlocutor que sabe não só o conteúdo aprendido, mas seus valores, seus julgamentos. São possíveis diferentes entonações reais de acordo com o centro real de valores de cada um.

Está em pauta uma concepção de leitura que solicita o envolvimento da pessoa real e não de reproduções mecânicas ou de um jogo de escolhas entre o certo e o errado, o falso e o verdadeiro, ou um acordo com a voz dos autores. O sentido da palavra está na relação que se estabelece com cada texto, e o texto verbo-visual, colocado no centro do capítulo, permite ao aluno se aproximar do centro de seus valores e confrontá-los com os outros. Faraco traça, então, algumas etapas: no primeiro momento, é preciso ler, compreender o que está escrito e escrever algumas respostas (“eu para mim”); depois ouvir a palavra do outro nas discussões (“o outro para mim”) e, na terceira etapa, colocar-se diante do outro (“eu para o outro”). A proposta didática escolar é conduzida de modo persuasivo, construindo uma teoria-metodológica bakhtiniana da prática de leitura e de debate, formando principalmente um cidadão com acesso à cultura e a seus próprios pensamentos.

As propostas de leitura em torno do texto verbo-visual enfatizam os aspectos linguísticos, discursivos e as dimensões ética e estética. Eis a formulação de arquitetônica bakhtiniana: descrever uma atividade e as relações que ela constrói na tensa relação dialógica. Não se pode pensar ensino de leitura de texto fora do espaço das relações dialógicas em que o ser humano está

envolvido. Bakhtin, em *A filosofia do ato responsável*, situa a importância da dimensão estética e ética nos discursos que constituem os textos, porque se trata de sujeitos que instauram suas visões de mundo. Essas dimensões podem ser encontradas na proposta didática de leitura apresentada por Faraco, colocando as atividades em constante diálogo:

Você não ama um ser humano porque é bonito, mas ele é bonito porque você o ama. É nisso que está o caráter específico da visão estética. Todo o topos de valores, toda a arquitetônica da visão seriam diferentes se não fosse ele o centro de valores. (2010: 125)

É importante concluir que as atividades didáticas analisadas constituem-se um todo que começa e termina com dois textos artísticos: pintura e poema. Nada por acaso, mas é o mundo da atividade estética que permite a articulação com as questões da vida. O autor tece arquitetonicamente sua proposta de ensino de leitura por meio de relações de sentido, convidando aluno, professor, amigos a se interrogarem sobre si, sobre o outro, sobre o mundo, sobre como se constrói o conhecimento. E aí a leitura do mundo ganha novas cores, nem sempre tão belas. Ocorre que essa proposta exige um professor que abra o livro não em busca de tarefas escolares para que o aluno as cumpra. Ele precisará conhecer os objetos estéticos apresentados. Faraco, no entanto, oferece poucas informações sobre as aberturas de cada capítulo. Se o professor não conhece as obras da Pop Art, por exemplo, elas viram ilustrações e, dessa maneira, o monólogo se instaura.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernadini e outros. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 13-70.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 307-335.

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In.: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 3-192.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M.M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAJTIN, M.M. Hacia una filosofía del acto ético. In: Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos. Comentarios de I. Zavala y A. Ponzio. Rubi: Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997, p. 7-81.

BELMIRO, C. A. Texto literário e imagens, nas mediações escolares. In: PAULINO, G. & COSSON, R. (Org.). *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004, p. 147-154.

_____. Uma educação estética nos livros didáticos de Português. In: ROJO, R. & BATISTA, A. A. G. (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 299-320.

_____. A Imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 72, p. 11-31, 2000.

BRAIT, B. Tramas verbo-visuais da linguagem. In: BRAIT, B. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 193-228.

BRASIL. Ministério da Educação/Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação. *Guias de livros didáticos*: PNLD 2012, *língua portuguesa ensino médio*. Brasília: MEC/FNDE/Secretaria de Educação Básica, 2011. Disponível em: www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=/ld_ensinomedio/ld_ensinomedio. Acesso em: 06 mai. 2012.

BUNZEN, C. & MENDONÇA, M. *Português no ensino médio e formação do professor* (Orgs.) São Paulo: Parábola, 2006.

DIONISIO, A.P. & BEZERRA, M. A. (Org.) *O livro de português: múltiplos olhares*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

FARACO, C. A. *Português: língua e cultura*. 3ª série. Ensino Médio. Manual do Professor. Curitiba: Base Editorial, 2010.

GRIBL, H. Atividades de leitura de textos em gêneros multi- e intersemióticos em livros didáticos de língua portuguesa. 2009. Dissertação. (Mestrado em Linguística) Unicamp, Campinas.

HOLQUIST, M. & LIAPUNOV, V. *Art and Answerability*. Early Philosophical Essays by M. M. Bakhtin. Trans. notes Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press. 1990.

JURADO, S.; ROJO, R. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz. In: BUNZEN, C. & MENDONÇA, M. *Português no ensino médio e formação do professor* (Orgs.) São Paulo: Parábola, 2006, p. 37-55.

VOSCHINOV, V.N.; BAJTÍN, M. La construcción de la enunciación In.: SILVESTRI, A.; BLANCK, G. (Org.) *Bajtín y Vygotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Antrhopos, 1993, p. 245-276.

VAUTHIER, B. A la recherche des interlocuteurs occidentaux de Bakhtine et de son Cercle. Cahiers de l'ILSL. Les discours sur la langue en URSS à l'époque stalinienne (épistémologie, philosophie, idéologie). n. 14, Lausanne, Presses Centrales de Lausanne, n. 14, p.229-245, 2002.

Architectonics in Bakhtin: a look on a course materials for the teaching of Portuguese

Abstract: The objective of this text is to examine proposals for a coursebook of Portuguese language for high school students, based on the reading of verb-visual texts. Supported by the concepts of “text” and “architectonics” from the theory of Bakhtin and the Circle, and considering how the study of language seeks to understand the production of meaning in a cultural, social and historical dimension, we discuss the orientation given to the written production of publicity texts. The theoretical and methodological approaches used in the didactic sequences allow the students to articulate different texts, verbal and visual, so that they can assume an ethical position in the real world.

Keywords: Bakhtin Circle; Architectonics; Verbo-visual texts; Coursebooks.